

ANÁLISE DA VISITA AO CAMPUS ANGLO DOS ANTIGOS TRABALHADORES DO FRIGORÍFICO

MARCIELE ANTUNES CAETANO¹; DALILA MÜLLER²

¹Universidade Federal de Pelotas – marciacaets@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dalilam2011@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pós-pandemia COVID-19 continua a ser um momento único na história da sociedade, tentando conciliar o antes e o depois numa nova realidade. Diversas atividades idealizadas no contexto de isolamento social ainda permanecem ativas, e outras novas surgiram para complementar. Este caso aconteceu no Projeto de Extensão Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel, onde buscamos colocar em prática novas ações com a comunidade externa. Como Silva (2020) comenta, a Extensão universitária vem sendo cada vez mais reconhecida como um movimento estimulado pelas comunidades acadêmicas, ao entenderem a importância do relacionamento com a comunidade extramuros. Sendo assim, desde 2022 o projeto vem articulando ações com antigos trabalhadores dos prédios vinculados à Universidade Federal de Pelotas. O primeiro prédio a ser contemplado foi a Cotada, antiga fábrica de massas da cidade de Pelotas, a qual, hoje, abriga o CEng, Centro de Engenharias da UFPel, e o segundo, o Anglo, antigo Frigorífico Anglo, onde hoje abriga a Reitoria, Prós Reitorias e algumas unidades acadêmicas. Este trabalho tem como objetivo relatar a ação de visita de antigos trabalhadores do Frigorífico Anglo à Universidade Federal de Pelotas no Campus Anglo.

2. METODOLOGIA

O presente relato é uma pesquisa qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros. Para realizar essa ação e encontrar esses ex-trabalhadores do Frigorífico Anglo, optamos por fazer uma publicação no grupo do *Facebook* nomeado de Antiga Pelotas, o qual consiste em compartilhar vivências e memórias da história da cidade. Na postagem explicamos sobre o projeto e perguntamos quem já havia trabalhado no frigorífico, bem como, se haviam entrado nas dependências do prédio após vinculação com a universidade. Após o período de alguns dias, filtramos os comentários e selecionamos duas pessoas para participar da visita. Além das duas mulheres selecionadas a partir da página Antiga Pelotas, também participou da visita outro antigo trabalhador do Anglo que vinha demonstrando interesse em voltar ao local através de um aluno voluntário do projeto. A visita foi realizada no turno da tarde do dia 15 de agosto com duração de uma hora e trinta minutos. Toda visita foi gravada com o uso de um gravador de voz e posteriormente transcrita para a apresentação e análise das narrativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A visita dos antigos trabalhadores do Frigorífico Anglo ocorreu no dia 15 de agosto de 2023, terça-feira, com a presença da Professora Orientadora do



Projeto, Dalila Müller, a bolsista do Projeto, Marciele Caetano e o aluno voluntário Antônio Braga. A visita contou com três ex-trabalhadores do antigo Frigorífico, Núbia Rodrigues, Rosa Islabão e Adão Nunes, os quais deram sua permissão para o uso dos seus nomes reais a esta pesquisa.

O objetivo da visita é proporcionar aos antigos trabalhadores que vivenciem, mesmo que em um curto espaço de tempo, a utilização atual do espaço do Frigorífico, reconhecendo neles os usos que tinham antigamente. Durante a visita, memórias são trazidas. Os lugares vivenciados no Anglo podem ser considerados suportes de memória (Nora, 1993) pois, a memória viva está associada a eles. À medida que percorríamos os espaços, várias lembranças foram relatadas pelos visitantes. A visita também visa possibilitar a apropriação dos prédios da Universidade pela comunidade.

No início da visita, a dona Núbia contou a sua trajetória dentro do Frigorífico, sendo o início do seu trabalho no ano de 1984 e conclusão no ano de 1986. Ela conta que começou a trabalhar no setor de desossa, porém, após sua gravidez, ficou no setor de limpeza. A dona Rosa comenta que trabalhou no setor de rotulagem de latas no frigorífico e no mercadinho deste mesmo lugar entre os anos de 1984 e 198. E o seu Adão, relata que trabalhou dos anos de 1970 a 1975 como secadorista.

Importante ressaltar que duas pessoas trabalharam na década de 80, próximo ao encerramento das atividades do Frigorífico. Já a terceira pessoa, teve seu período de trabalho do início até o meio da década de 70, o que demonstrou diferenças em relação à utilização dos espaços, pois ao longo dos anos, alguns processos dentro do frigorífico sofreram mudanças.

A caminhada pelo campus começou pela entrada, Núbia e Rosa comentam que antes do portão tinha a mangueira, por onde os bovinos entravam, após saírem do trem ou como em anos mais tarde, de caminhões. Núbia comenta: *“eles carregavam os bois para as mangueiras e depois tinha os bretes, que os animais passavam reto para o abate”*. Após, Rosa e Núbia relembram sobre a parte da frente, ao lado do portão de entrada, *“aqui era o departamento pessoal e ali onde tem essa construção (atualmente o Restaurante Universitário) era o vestiário, ali a gente colocava a nossa roupa branca e batia o ponto.”*

Do mesmo local elas relembram sobre o refeitório *“ali era o refeitório, ele era bem grande, tinha espaço para sentar, comer, conversar”*, atualmente, o espaço não existe mais, dando espaço apenas às recordações. Perto da entrada do campus, está localizado a biblioteca, a Núbia indica *“ali era o almoxarifado, lembro de pegar facas quando estava na desossa ali”*, já a Rosa lembra *“acho que ali era a parte da lavanderia também, mas só os chefes, a gente levava as nossas roupas brancas para lavar em casa”*.

Em nossa caminhada pelo Campus, passamos ao lado do antigo prédio da rotulagem, que hoje é um estacionamento, Rosa comenta: *“eu trabalhava aqui na rotulagem, no segundo andar, era muito quente no meu setor, porque as latas ficavam no calor ali para ver se passavam no teste, se ia estourar ou não, latas de salsichas, carnes picadas, almôndegas...”*. A entrevistada revela que trabalhou em um mercadinho localizado no Frigorífico também *“no mercadinho vendíamos carnes congeladas do Anglo, outros produtos com a marca Anglo vindo de fora como velas, sabonetes, e um sábado por mês entrava tudo em promoção, a fila virava lá na esquina.”*

Após, a dona Núbia nos comenta que depois do fechamento do Frigorífico no final de 1985, o maquinário da rotulagem tinha outro propósito: *“vinham latas de conservas de outro lugares e eles rotulavam aqui, como pêssego, figo...”* essa antiga colaboradora trabalhou após o encerramento das atividades do Frigorífico pois entrou em licença maternidade, e como precisava cumprir seu tempo de



estabilidade depois da licença, voltou ao local mesmo após o fechamento. *“Quando voltei, o frigorífico já tinha fechado, mas tinha que trabalhar mesmo assim, fiquei por mais 4 meses, eles retiravam as máquinas para levar lá para Barretos em São Paulo, e eu que era da desossa fiquei na faxina”*.

Logo após a conversa, chega o terceiro entrevistado, Seu Adão, que comenta o período que trabalhou no Frigorífico, uma das autoras pergunta como funcionava o Anglo na década na qual ele trabalhou: *“Aqui eles matavam mais de 800, 900 bois por dia, não se perdia nada, meu irmão era marreteiro, ele usava a marreta para bater na cabeça do boi e deixar ele tonto e eu era secadorista, todas as partes internas como mondongo, as partes condenadas, vinha para o meu setor”*. Neste momento Núbia pergunta para seu Adão onde era a matança, ele comenta que era no 4º andar, já no período de dona Núbia e Rosa, os bois já vinham sem vida, mas todos os outros processos se mantinham no local, isso se deve ao fato de seu Adão ter trabalhado no local na década anterior, mostrando que no mesmo local de trabalho, podemos ter memórias diferentes.

Começamos a caminhar pela parte de trás do Anglo, seu Adão comenta sobre o aproveitamento de todas as partes dos bois: *“aqui só se perdia o berro dos bois, tudo era aproveitado, os cascos eram torrados e embalados, o sangue era seco e virava uma farinha, e tudo isso era importado”*, após ele relembra sobre a parte de trás do Anglo, o qual tinha grama e dona Núbia e Rosa complementam: *“a gente vinha pra cá depois do almoço, sentar, descansar, não dava tempo de ir em casa, então a gente deitava aqui na grama”*. A professora Dalila perguntou neste momento se havia sala de jogos em algum ponto do Frigorífico, seu Adão comenta que sim *“tinha jogo de cartas, sinuca, mas eu nunca ia, eu não tinha tempo”*, já Núbia e Rosa relataram que no período em que trabalharam não tinha essa sala.

Contornando o campus pelo fundo, os entrevistados comentam também que o local está diferente, como na parte externa *“tinha mais prédios aqui, ali no chão ainda tem a marca ainda, e essas escadas, essas escadas não tinham antes”*, eles se referem neste trecho sobre a parte da frente, no estacionamento, perto dos contêineres, onde realmente ainda tem marcas no chão do local, e as escadas, tanto na parte da frente, como perto do arroio. A professora coordenadora do projeto comenta que as escadas são aquisição recente depois de normas de segurança.

Ao chegarmos na frente do campus, entramos e subimos de elevador até o quarto andar (imagem 2), onde pudemos avistar as rampas por onde os animais subiam, naquele andar eram abatidos os animais, como relata Núbia que trabalhou ali: *“depois deles sangrarem, eram colocados em roldanas e a cada parada uma pessoa tirava um pedaço do animal, não sobrava nada aqui, as mulheres tiravam a graxa, como ia para a exportação, a carne tinha que ficar limpinha... mas aqui tudo era aberto, não tinha essas divisões (salas de aula) que tem agora”*.

Já no terceiro andar, levamos os nossos visitantes ao Memorial do Anglo, onde há imagens e um pouco da história do Frigorífico, foi um momento de emoção rever e lembrar do Frigorífico no auge de seus dias, seu Adão comenta: *“Nesse andar eu acho que era as câmeras frias, olha como as paredes têm esse isolamento”*.

Nossos entrevistados comentam também sobre os superiores que eram de outros países, seu Adão fala: *“os gringos eram rigorosos, tu não podia ficar parado senão a chance de ser mandado para a rua era alta, mas não tinha empresa melhor para se trabalhar na época, se tu passava 10 minutos no horário de sair, eles pagavam a hora extra”*, dona Núbia complementou *“sim, tinha o Mister não sei que, eles era rígidos, como eram muitas horas de trabalho, a gente*

pegava os pedacinhos de carne bem pequenos e colocava na água de esterilização para cozinhar e comia”. Já Rosa relatou como a empresa empregava muitas pessoas da mesma família “quando meu pai se aposentou as pessoas falavam pra ele colocar na justiça, mas ele sempre pensou em mim e no meu irmão, tanto que depois trabalhamos lá, era assim, muitas pessoas da mesma família trabalhavam lá”.

Nos últimos dois andares eles fizeram mais alguns relatos, e viram a transformação do prédio, encantados em como aquele frigorífico que um dia foi o sustento de suas famílias hoje abriga uma Universidade, que gera conhecimento a tantas pessoas. Ao final da visita algumas perguntas foram feitas pela equipe do projeto como qual foi o sentimento que eles tinham ao voltar no prédio, Rosa comentou *“me sinto triste em ver que a parte onde trabalhei está em ruínas, mas feliz que os outros prédios estão funcionando”*, Núbia por sua vez disse: *“saudades, fiquei emocionada, voltei no tempo, muitas lembranças”* e seu Adão: *“pra mim tudo isso aqui foi novidade, não entrava aqui desde 1975 quando saí, tudo mudou, tá muito lindo, bateu a saudade”.*

Outro ponto levantado por eles foi a questão de não saberem que o campus estava aberto para visita, pois os três já tinham o desejo de voltar às dependências do antigo Frigorífico Anglo, mas não tinham essa informação. Isso mostra como os eventos abertos da universidade têm importância não somente para a comunidade acadêmica, mas a comunidade externa, pois os prédios ocupados pela UFPel, em sua maioria, já possuíam atividades industriais anteriores.

4. CONCLUSÕES

Na retomada da pandemia do COVID 19, o Projeto de Extensão Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel viu necessidade em retomar atividades de extensão com a comunidade, assim, optando por trazer antigos trabalhadores aos locais que já foram grandes indústrias e hoje abriga a universidade.

Com essa ação podemos notar a importância desses locais para a comunidade externa, pois como relatado, os três entrevistados não sabiam que poderiam retornar ao espaço que já foi parte da indústria pelotense a poucos anos atrás, gerando diversas memórias. Isso nos mostrou como carece a divulgação de eventos abertos à comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) . **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 118p.

NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

SILVA, W. P.. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Extensão e Sociedade**, v. 11, p. 21-32, 2020.